

## NOVOS DESAFIOS DO MUNDO RURAL E INOVAÇÃO

Permitam-me, antes de mais, destacar a **oportunidade e importância** da realização deste evento, porque é seguramente **um estímulo à reflexão** com vista ao **aprofundamento de ideias** e de **iniciativas concretas** para o **desenvolvimento do concelho da Madalena e da ilha do Pico**.

Em Portugal, tanto o continental como o das regiões autónomas atlânticas, os concelhos de pequena e média dimensão **não têm**, genericamente, disponíveis **dados reais e atualizados** sobre as muitas e variadas vertentes da sua realidade socioeconómica. Vive-se, no essencial, com base no **conhecimento directo** que os agentes e as instituições têm do meio e de **alguma informação dispersa e ocasional**.

A proximidade, a **demasiada proximidade** é, como se sabe da ciência sociológica, **um obstáculo ao conhecimento**. O **distanciamento objetivo**, que provém de **análises ancoradas cientificamente**, com **forte base empírica**, pode **evitar erros grosseiros** que colocam muitas vezes **em risco partes importantes do território**.

O nosso país tem demasiados exemplos de **erros dessa natureza**, ao nível do **urbanismo**, da **paisagem**, do **ambiente**, do **espaço rural**, da **administração**, das **cidades**, do **mar**, etc.

Ciclicamente, a academia, uma ou outra instituição científica, um movimento de cidadãos ou uma instituição internacional credível, vêm colocar, como se diz, **o dedo na ferida**. A comunicação social amplia, episodicamente, esses dados de análise da realidade, mas **a voragem da informação logo submerge à necessidade de reflexão**. Regressamos às **opiniões soltas**, à **oportunidade** – e **por vezes oportunismo** – da **política passageira**, às **inúmeras urgências que as nossas crises cíclicas nos impõem**. É verdade que muitas vezes, **os erros se cometem sem má intenção** dos seus protagonistas, mas apenas por falta de conhecimento correto, mas **não deixam de ser erros**. E **são as populações quem sofre com eles**.

Por vezes, são locais e de circunstância, sem outras implicações; de outras, têm **consequências danosas** para as **gerações futuras**, quer por implicarem estagnação, quer por se orientarem para caminhos que levam a grandes e profundos desinvestimentos no progresso social.

Permito-me começar por aqui porque **prefiro optar por encarar de frente os problemas**, procurar **ser lúcido** e não embarcar, desculpem a expressão, em **demagogias fáceis e de fácil agrado de todos**. Não é esse o meu **papel de responsabilidade** como presidente de um município. Pelo contrário, é-me **eticamente exigido**, que, sempre que necessário e importante, **não deixe de dizer o que penso**, mesmo que isso possa **abalar algumas consciências comodamente instaladas**.

Por isso, devo dizer-vos que, numa área tão sensível e tão importante para o **desenvolvimento socioeconómico** e o **progresso cultural e social** do nosso concelho e da nossa ilha, como é o do mundo

rural e os novos desafios que se lhe colocam, será **imprescindível trabalhar para um conhecimento mais objectivo da nossa realidade.**

Sem me alongar muito, considero ser **imprescindível** que **o governo regional**, do ponto de vista das políticas, e os seus organismos, do ponto de vista técnico, definam **programas sólidos de conhecimento, global e local, com instrumentos acessíveis a todos, numa perspectiva de desenvolvimento sustentado e sustentável.** Essas políticas e os seus instrumentos técnicos, deverão ser devidamente **articulados com as autarquias locais**, e sectorializadas sempre que se justifique. Será necessário **mais abertura e vontade de cooperação, de todos, sem exceção.**

Sem ser aqui o lugar e o tempo apropriados ao desenvolvimento deste tema do **conhecimento objectivo da nossa realidade**, creio ser importante deixar bem marcado que **é imprescindível trabalhar para superar as evidentes lacunas, sob pena de continuarmos a assentar as nossas análises em fortuitas e precárias opiniões.**

O nosso **lema de encontro** aqui é, aliás, bem sintomático daquilo que venho dizendo:

**se concebermos erroneamente as nossas premissas, corremos o risco de desenhar soluções igualmente erróneas.**

Quando partimos para o debate sob o lema “**Novos Desafios do Mundo Rural e Inovação**” podemos desde logo tentar definir, por exemplo, **o que é na verdade o mundo rural, que lugar ocupa no complexo da nossa sociedade** (de um ponto de vista da macroeconomia, mas não só), e, definidos estes contornos, **que novos desafios se lhe colocam**, tendo em vista uma **evidente e necessária inovação.**

**Historicamente**, a ilha do **Pico** tem sido uma **economia eminentemente rural**, em sentido muito amplo, com uma **relação muito forte com a componente do mar.**

**Passámos neste século do simples mas doloroso desbravar do solo inóspito dos primeiros tempos do povoamento, a um tempo em que predomina a produção de leite e carne de bovino e a vitivinicultura.**

No **mar**, foi possível criar nichos de exportação, bem como manter uma indústria conserveira, dinâmica, em contra-ciclo com o setor no resto do país.

**Entre um tempo e outro, perdeu-se o essencial da diversidade da agro-pecuária**, especialmente na **produção frutícola e animal.** Em sua **substituição, não surgiram indústrias**, quer em **quantidade** quer em **diversidade**, com peso suficiente para **tomar o lugar**, ou **pelo menos equilibrar**, os **tradicionais sectores de exploração da terra e do mar.**

Embora importantes, **não são suficientemente equilibradores os sectores genericamente relacionados com o turismo** (hotelaria, restauração, animação, cultura e sectores afins e/ou complementares).

Este **quadro, aparentemente correcto**, precisaria de ser **sustentado em dados concretos**, na sua **evolução** e em **termos comparativos** com **outras áreas e sectores, açorianos e nacionais**. Mas, como disse e relevei, estamos, e **continuamos, com défice de conhecimento da realidade**. Contudo, há que **não parar na dificuldade**. Pelo menos, a constatação de um défice que nos sirva de **estímulo para melhor o identificar e encontrar soluções de o ultrapassar**.

Feito o parêntese, **de que modo podemos encarar o nosso mundo rural** de um ponto de vista de **desenvolvimento geral**?

Permitam-me, de um **modo livre e despido de preconceitos**, **partilhar** convosco alguns **pontos de vista**, tendo em consideração **o quadro que atrás expus**, e procurando **não ficar preso a retóricas estagnadas** sobre o mundo rural e o seu desenvolvimento.

Em primeiro lugar, creio existir **uma tendência de unanimidade** em considerar que **o chamado mundo rural deixou de o ser**, isto, é, deixou de existir aquele mundo rural que alguns estudiosos apelidam de **“primeira ruralidade”** e que vem de um tempo histórico em que eram **relativamente estanques as oposições** natureza-cultura, economia-ambiente, agricultura-indústria, moderno-tradicional, cidade-campo, etc.

Hoje vivemos, segundo as mesmas opiniões, uma **“segunda ruralidade”**, essencialmente marcada por **um esbatimento de fronteiras**, e, de certo modo, por **uma extensão do rural**.

Mas uma extensão que **não significa a supremacia de um mundo antigo sobre outro moderno**, mas **uma espécie de hibridação**, que leva a que o antigo mundo rural e o não-rural **mutuamente se contaminem e adotem e adaptem aspectos que têm origem ora num, ora noutro dos mundos** até então (aparentemente) antagónicos.

Aquilo que parecia pertencer em exclusivo a uma das partes, pode, digamos, **migrar facilmente para a outra, sem prejuízo de ninguém**; ou, noutras circunstâncias, **coexistirem**, sem ser preciso cuidar de saber de onde são originários.

Não se trata, conforme pensam algumas pessoas, de industrializar o mundo rural ou de criar dependências que anulem uma das partes.

As **novas economias rurais** podem viver **assentes em dois primados**: o **ecológico** e o da **mobilidade**.

São **novos usos e novas maneiras de encarar o território**, mais **abertas** e que **valorizam os espaços e as pessoas**.

Nesta perspectiva, **a oposição urbano-rural clássica deixa de fazer sentido**, ou pelo menos a não ser tão radicalmente oposição. A abertura do mundo rural clássico às novas tendências de vida, leva, por um

lado, a que **se valorize aquilo que é especificamente rural**, no sentido em que se produzem bens que têm como objectivo entrar na cadeia alimentar, por exemplo.

Isto significa que se deve **encorajar a diversidade** das explorações **agro-pecuárias** e a **aumentar a qualidade** biológica dos produtos; mas, igualmente, a **valorizar a paisagem e o ambiente**, com a revitalização dos caminhos rurais, com a revisão da sinalética, a promoção do uso múltiplo das atividades agrícolas e florestais, tornar mais eficazes e profissionalizados os parques e reservas naturais.

No **interface com a indústria**, esta nova visão aconselha a que **se estude e valorize a conjugação entre explorações agro-pecuárias e as indústrias de pequena e média dimensão** que actuem **preferencialmente para mercados de igual dimensão**, valorizando a **proximidade com as populações** e a produção de bens que **complementem** aqueles que têm origem nas grandes empresas de produção e venda a retalho.

Cumpra-se, assim, um **objectivo de valorização** daquilo que é **especificamente rural**, pelo menos no domínio dos bens essenciais, com **novos modos de encarar a economia**, que **tende a ser submergida pelos interesses das empresas sem fronteiras**.

A **retórica da exportação** toda-poderosa **não é compatível com as vivências das pessoas em meios de pequena dimensão** e com **fraca ou inexistente capacidade de expansão** internacional. O **mercado interno, local e regional**, tem de **viver por si e para si**, **alargando o leque de produções e potenciando aquilo que lhe é específico**.

Neste domínio, serão necessárias **estruturas locais de acolhimento desses produtos**, que não só disponibilizem **oferta para os consumidores**, como sirvam de **estímulo à produção diversificada e de qualidade**.

**Pequenos mercados** que funcionem **em toda a ilha**, numa perspectiva de **complementaridade**, em **rede de cooperação**, e **não em pura concorrência**: o pior que há para o nosso desenvolvimento é o conceito, errado do meu ponto de vista, em que **todos fazem o mesmo, procurando suplantar todos os concorrentes**, em vez de procurar criar bens, produtos e serviços distintos, todos eles **necessários, mas complementares**. Precisamos de combater a tendência que o sucesso de um agente económico sirva de isco a fazer igual, em vez de **estimular a imaginação e a criatividade para fazer diferente** – e melhor, claro, sempre que possível.

O fenómeno do **turismo contemporâneo** está intimamente ligado com esta perspectiva da chamada “segunda ruralidade”.

Como todos temos conhecimento na nossa ilha, são já em **número significativo** aqueles que nos procuram para **um turismo activo**, mas também, em certos casos, a pensar em **residências, longas ou permanentes**, porque a ilha, as suas populações e a situação geral a isso convidam. São estrangeiros, mas também continentais, e até alguns das ilhas onde **a pressão de uma certa urbanidade** começa a fazer as pessoas **pensar em alternativas de vida**.

Alguns extratos importantes de **gente que procura modos alternativos de vida** nos **tradicionalis mundos rurais**, não o fazem ao modo romântico do século XIX, mas têm **uma atitude radicalmente diferente**.

Querem, antes de mais, **viver integrados no meio que escolhem, contribuir para o seu equilíbrio**, mas também **nele produzir de forma sustentada** e, ao mesmo tempo, **usufruir das suas potencialidades naturais**.

Os “**rurbanus**”, neologismo com que por vezes são denominados esses indivíduos, tanto podem vir do exterior como pertencer às comunidades existentes, especialmente aqueles **mais jovens, ligados familiarmente ao mundo rural e às explorações agrícolas tradicionais**.

Será importante, do meu ponto de vista, aprofundar o estudo e o debate deste **sector que faz a ponte entre o turismo e a atracção de pessoas e de grupos** que pretendem **viver e trabalhar na ilha, aprofundando e desenvolvendo as potencialidades** que nela existem, e são muitas, **respeitando-a** a todos os níveis e **valorizando-a**, aproveitando a inovação e desenvolvimento tecnológico, esperando dos intervenientes deste processo, que essa inovação seja utilizada na busca da melhoria da qualidade e não da massificação.

Pela nossa parte e no setor da vinha e do vinho, tudo faremos para que esse objetivo seja alcançado.

Não pretendo esgotar todas as possibilidades, longe disso, mas gostaria, a terminar, de deixar **um conjunto de sugestões**:

# realizar **um diagnóstico**, de cada uma das nossas ilhas, da sua **economia rural**, em **relação com os domínios turísticos e industriais**, iniciativa que deverá ser realizada em **estreita articulação com as autarquias e associações e agentes** dos vários **sectores implicados**. O objectivo será o de constituir **um banco de dados** que sirva para a **conceção e aplicação de políticas setoriais**;

Sem prejuízo deste diagnóstico, e no que diz respeito à **ilha do Pico**:

- trabalharmos em conjunto – AMIP, Câmaras e Juntas, associações empresariais, ambientais e organismos governamentais das áreas da economia, agricultura, mar e ambiente – para **estudar e propor medidas concretas de desenvolvimento rural**, na perspetiva de conjunto que apontei;

- reavaliar **as políticas de diversificação de apoios próprios (e comunitários)**, a **outras áreas de desenvolvimento da nossa ruralidade**, em interface com outras áreas da nossa vida socioeconómica;

- dada a **situação de crise** que vivemos, atuar no sentido de **valorizar as enormes potencialidades** da nossa Paisagem Protegida de Interesse Regional da **Cultura da Vinha da Ilha do Pico, Património Mundial da Humanidade**;

- **criar mercados municipais de produtos agro-pecuários e da pesca**, em **articulação com medidas governamentais de estímulo à diversificação e qualificação dos produtos da ilha**;

- estabelecer linhas de apoio que permitam uma articulação entre autarquias e agentes económicos diversos, para a **recuperação, manutenção e uso das residências tradicionais**, em moldes a poderem ser **normalmente habitadas**, mas **mantendo as suas características identitárias**;
- promover **políticas de uso de reservas cinegéticas**, devidamente **protegidas e acauteladas legalmente**;
- promover o **turismo de ambiente, científico e cultural**, em **articulação com políticas de desenvolvimento rural**;
- desenvolver **programas para a formação de técnicos e de agentes especializados no desenvolvimento do interface mundo rural-indústria-turismo-ambiente**;
- promover **acções de promoção (nacional e internacional)** para a **captação de novos residentes (de médio e longo prazos)**, dentro da **filosofia de valorização do meio humano e ambiental**.

Como disse de início, este evento é pleno de **oportunidade e importância**.

Pela minha parte, **enquanto cidadão picoense**, e na minha qualidade de **Presidente do Município da Madalena**, espero ter dado **algum contributo** aos **novos desafios** que se colocam ao **mundo rural**, numa **perspectiva de inovação** e de **desenvolvimento** do nosso **concelho da Madalena** e da nossa **ilha do Pico**.

Muito obrigado.